

O fonema /z/ camaleão na língua Tenetehára: uma abordagem variacionista

The phoneme /z/ chameleon in the Tenetehára language: a
variationist approach

Fábio Bonfim Duarte¹
ORCID: 0000-0002-3009-7654

Ana Cláudia Menezes²
ORCID: 0000-0003-2094-5637

Cintia Maria Santana da Silva³
ORCID: 0000-0003-2873-3102

DOI: 10.26512/rbla.v14i1.46457

Recebido em novembro/2022 e aceito em dezembro/2022

Resumo:

Este artigo tem como objetivo uma análise da variação do fonema /z/ na língua Tenetehára falada em aldeias localizadas em terras indígenas no Maranhão e no Pará. Para realização deste estudo, embasamo-nos nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetoлогия, tendo como foco principal o fenômeno da variação como resultante da correlação entre as variantes linguísticas pesquisadas e o parâmetro social diatópico. A análise demonstrou que o fonema /z/ pode realizar-se por meio de até sete fones, os quais são condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Discute-se ainda como essa alternância linguística gera um desafio no estabelecimento de uma ortografia uniforme e harmônica na língua estudada.

Palavras-chave: Sociolinguística. Dialetoлогия. Variação linguística. Língua Tenetehára.

Abstract:

This paper aims to investigate the phonological distribution of the phoneme /z/ in the Tenetehára language, which is spoken in the indigenous territories located in the states of Maranhão and Pará. In order to proceed with the analysis, we use the methods and the theoretical principles proposed by the Sociolinguistic and the Dialectology, whose main task is to deal with the variationist phenomenon as a result of the correlation among the linguistic variants and the social parameters. The analysis demonstrated that the phoneme /z/ can be realized by means of seven allophones, whose occurrences

¹ Fale-UFMG

² UEMA

³ Funai-Imperatriz

are constrained by linguistic and extralinguistic factors. We also address the issue concerning the challenge that such phonetic variation entails for the establishment of a coherent and uniform orthography.

Keywords: Sociolinguistic. Dialectology. Linguistic Variation. Tenetehára Language.

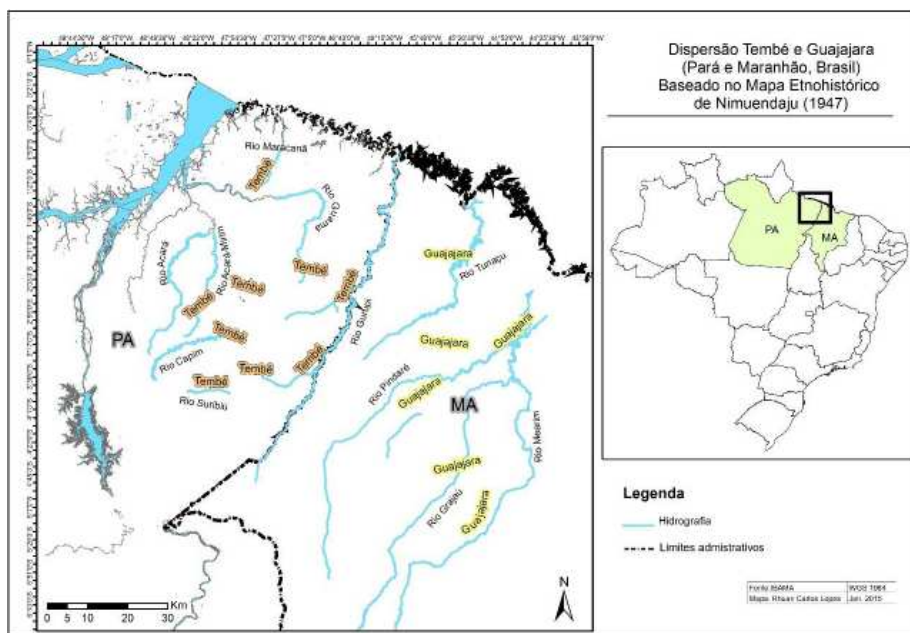
1 Introdução

O estudo da variação linguística em línguas indígenas brasileiras nos permite acessar a riqueza da diversidade linguística que essas línguas exibem, considerando que cada uma delas manifesta os seus comportamentos linguísticos e socioculturais de forma particularizada, como uma marca identitária de seus falantes. Inserido nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo descrever um subtipo de variação fonética que a língua Tenetehára apresenta no que se refere à realização do fonema /z/. Conforme veremos mais adiante, esse fonema pode apresentar até sete variantes alofônicas, as quais são condicionadas por fatores de natureza linguística e extralinguística. Para o registro de algumas das variações mais representativas do referido fonema, levamos em consideração a dimensão diatópica como fator preponderante para sua variabilidade.

A língua Tenetehára-Guajajara falada no Maranhão faz parte do complexo Tenetehára, juntamente com a língua Tenetehára-Tembé, a qual é falada no estado do Pará. Em conformidade com Rodrigues (1986) e Duarte (1997, 2003, 2005, 2007, 2008, 2018), as duas variedades pertencem à família linguística Tupí-Guaraní, que é, por sua vez, afiliada ao tronco Tupí. O Tenetehára dividiu-se em dois dialetos ou línguas (Guajajara e Tembé), quando parte de seus falantes migrou do estado do Maranhão, onde foram contactados pela primeira vez, para o estado do Pará. Hoje, distribuem-se em várias terras indígenas por esses dois estados e devido ao distanciamento geográfico e social, cada dialeto desenvolveu suas próprias características.

O mapa a seguir indica a distribuição geográfica das terras indígenas Tenetehára nos dois estados brasileiros:

Figura 01. Dispersão “Tenetehára” entre Maranhão e Pará



Fonte: Lopes (2016)

Nesta pesquisa, o foco principal recai na análise da fonologia e da ortografia da língua Tenetehára falada pelos povos Guajajára e Tembê. Os Guajajára são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil. Habitam mais de dez terras indígenas situadas na região central do Maranhão, em localidades próximas aos rios Pindaré, Mearim, Grajaú e Zutiwa. Já os Tembê habitam o território Alto Rio Guamá, situado à leste do estado do Pará, fronteira com o Maranhão.

Como aporte teórico que norteia a pesquisa, ancoramo-nos no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística e da Dialetolegia para proceder à investigação das variantes linguísticas. Os dados utilizados para análise foram coletados a partir de entrevistas sociolinguísticas⁴, no período de 2014 a 2021, direcionadas a falantes do sexo masculino e feminino, enquadrados nas faixas etárias entre 18-30 anos e 40-70 anos. Os colaboradores da pesquisa são moradores de aldeias da Terra Indígena Arariboia, próxima às

⁴ Para Labov (2001), as entrevistas sociolinguísticas se constituem como as melhores fontes para a coleta de dados, principalmente, no que se refere ao estudo da variação estilística dos falantes em uma comunidade de fala. Das entrevistas sociolinguísticas podem emergir outros gêneros textuais como por exemplo, narrativa de experiência pessoal, narrativas ficcionais, entre outros.

idades de Amarante e Arame, no Maranhão e de aldeias situadas nas Terras Indígenas Bacurizinho (Grajaú - MA), Canabrava (Jenipapo dos Vieiras - MA), Pindaré (Bom Jardim - MA). Colhemos ainda dados com informantes residentes em aldeias situadas na Terra Indígena Alto Rio Guamá, no Gurupi, estado do Pará.

O artigo está organizado em cinco seções. Na seção 2, apresentamos o aporte teórico da Sociolinguística e da Dialetoлогия, realçando os principais conceitos que nortearam a nossa análise. Na seção 3, apresentamos os dados relevantes das variantes fonéticas do fonema /z/. Já na seção 4, discutimos os problemas que essa variação traz para o estabelecimento de uma ortografia unificada para as diversas variedades da língua Tenetehára. Por fim, na seção 5, apresentamos as considerações finais.

2 Aporte Teórico: Sociolinguística e Dialetoлогия

As pesquisas no âmbito da Sociolinguística e da Dialetoлогия têm contribuído para a construção de um amplo quadro de apresentação da realidade linguística heterogênea do Brasil. Para tal, faz-se o mapeamento geográfico e sociolinguístico e analisam-se as diversas línguas e variedades linguísticas faladas por comunidades espalhadas em todo o território brasileiro.

Tomando como referência a relação entre língua e sociedade, os sociolinguistas têm voltado atenção para diferentes perspectivas de abordagem da variação e mudança linguística. Além do aspecto linguístico em si, aspectos históricos, sociais (como localização geográfica, idade, sexo/gênero, etc.) e culturais são tópicos que se inter-relacionam no desenvolvimento da atividade linguística.

Nesta linha de investigação, Weinreich, Labov e Herzog (2006) salientam que fatores linguísticos e sociais estão intimamente interrelacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Por esta razão, explicações teóricas confinadas somente a um ou outro desses aspectos, não importando quão bem podem estar construídas, falharão ao tentar esclarecer o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Nesse viés de estudos que relacionam linguagem e sociedade, a Sociolinguística estabelece suas bases teóricas e metodológicas, tendo Labov como um dos precursores. Em conformidade com esse teórico, para

que o processo de desenvolvimento de uma variação e/ou uma mudança linguística possa ser compreendido, é necessário considerar a vida social da comunidade de fala em que ela acontece, visto que o estudo do uso das variantes linguísticas deve se ater ao fator relacionado à interação social (LABOV, 2008). Assumimos, dessa maneira, que a Sociolinguística é uma ciência que estuda as relações entre o comportamento linguístico e a estrutura social.

De acordo com Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”. Para o desenvolvimento de pesquisas de caráter quantitativo, Labov desenvolveu um modelo de descrição dos fenômenos variacionais conhecido como Teoria da variação e mudança. Assim, a Sociolinguística Variacionista se dedica ao exame dos fenômenos de variação e mudança que ocorrem em uma comunidade linguística⁵ específica. Corroborando essas considerações, Alkmim (2012) ressalta que o foco da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

A abordagem sociolinguística do fenômeno variacional serviu como uma das diretrizes para os estudos realizados pela Dialetoлогия. Cardoso (2010, p. 15), por exemplo, conceitua Dialetoлогия como sendo “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. A Dialetoлогия tradicional desenvolveu seus trabalhos iniciais exclusivamente sob o enfoque diatópico. Atualmente, a Dialetoлогия moderna assume uma perspectiva pluridimensional, pautada no uso da metodologia geolinguística que tem como base o espaço geográfico, e nos princípios da Sociolinguística laboviana, os quais se fundamentam na relação entre fenômenos linguísticos e fatores socioculturais como determinante da variação linguística. Desse modo, os estudos dialetais adotam uma perspectiva diatópica, levando-se em consideração as variáveis extralinguísticas, como escolaridade, idade, sexo, entre outros, no exame dos fenômenos linguísticos. Além disso, Cardoso (2010) esclarece que à

⁵ Neste trabalho, adotamos o conceito de comunidade de fala ou comunidade linguística postulado por Hymes, 1972, p. 54: Comunidade de fala ou comunidade linguística é “uma comunidade que partilha conhecimento das regras para a conduta e a interpretação da fala. Tal compartilhamento compreende o conhecimento de pelo menos uma variedade linguística e também de seus padrões de uso”. (HYMES, 1972, p. 54)

dimensão diatópica, que abarca os espaços físicos e geopolíticos, se juntam os parâmetros diagenérico (diferenças entre gênero masculino e feminino), diageracional (diferenças etárias), diastrático (diferenças de extratos sociais) e diafásico (diferenças de situações sociais), entre outros⁶.

Diante do exposto, assumiremos, no decorrer da análise, que uma pesquisa, ancorada nas bases teórico-metodológicas da Sociolinguística e da Dialetoлогия, embasa-se nas dimensões citadas acima para efetuar o mapeamento das variantes linguísticas presentes em determinada comunidade de fala, incorporando, assim, a diversidade linguística no espaço geográfico e na estratificação social. Sob esse enfoque, a percepção que se tem do falante também muda, pois este passa a ser visto como “um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções” (CARDOSO, 2010, p. 63).

Faz-se necessário salientar, ainda, que as línguas são dinâmicas e se encontram em permanente processo de variação e mudança, em decorrência do uso que seus falantes fazem delas. A variação linguística é, então, reconhecida como um fenômeno natural de todas as línguas e pode ocorrer em todos os níveis de análise, a saber: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, etc. É, portanto, a partir dessa perspectiva teórica que essa pesquisa se fundamenta para determinarmos os aspectos da variação fonético-fonológica na língua Tenetehára.

O estudo da variação linguística nas línguas indígenas tem sido escopo de pesquisas sociolinguísticas no Brasil, mas é, ainda, uma área pouco explorada, considerando a diversidade presente nessas línguas em todos os níveis linguísticos. Rodrigues (1986) ressalta que as línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas europeias e demais línguas do mundo no conjunto de sons que têm disponíveis ao uso (fonética) e ‘nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais uma visão do mundo real e do imaginário (semântica)’.

⁶ Guedes (2020) propôs a inclusão da variável diaétnica no rol de variáveis extralinguísticas mapeadas em atlas linguísticos pludimensionais. Para ele, a variável diaétnica representa as influências de origem étnica na variação linguística do falar de uma determinada comunidade de fala. Assim, um campo de estudo possível para a análise da variação diaétnica são as comunidades indígenas, que se encontram em situação de monolinguismo, bilinguismo ou plurilinguismo.

A situação sociolinguística da língua Tenetehára, por exemplo, pode ser compreendida como o resultado da mistura dialetal desta com outras línguas com as quais vem mantendo contato constante por meio dos séculos, como por exemplo o Ka'apór, o Guajá, o Amanajé e o Português (SILVA, 2010) e as línguas Jê faladas no Maranhão. Dessa forma, o Tenetehára tem suas particularidades fonético-fonológicas, morfossintáticas, semânticas e lexicais que foram sendo estabelecidas ao longo do seu processo de construção histórico, social e cultural. Neste trabalho, interessa-nos investigar mais diretamente a variação linguística do fonema camaleão /z/ tanto na variedade Guajajára como na do Tembé, a fim de demonstrar a relevância da diversidade da variação presente no nível linguístico fonético-fonológico. Esperamos assim que esse estudo contribua, de certa maneira, com o aprimoramento do mapeamento dos diversos falares dos povos indígenas encontrados no território nacional.

3 A variação do fonema camaleão /z/ na língua Tenetehára

Nesta seção, descrevemos a variação fonético-fonológica na língua Tenetehára-Guajajára, que está correlacionada com o parâmetro diatópico. Temos por objetivo averiguar a variação especificamente do fonema /z/ e a distribuição dos sete alofones desse fonema em quatro Terras Indígenas, a saber: Arariboia, Bacurizinho, Canabrava, Pindaré e Alto Rio Guamá. No caso dessa última área, os dados foram colhidos junto a falantes que habitam aldeias localizadas às margens do Rio Gurupi, que se localiza na divisa do Pará com o Maranhão.

A variação fonético-fonológica se dá nas alterações da produção dos sons e fonemas das palavras, de tal sorte que esse tipo de variação é muito comum e perceptível tanto aos estudiosos da linguagem como aos falantes comuns. De maneira geral, pode se afirmar, com certa segurança, que consoantes e vogais de uma língua estão sujeitas ao fenômeno da variação, dependendo de fatores linguísticos, como o contexto fonológico em que ocupam nas palavras e nas posições internas às sílabas e/ou de fatores extralinguísticos que envolvem o falante, como localização geográfica, a idade, o gênero etc.

Antes de arrolamos os dados empíricos relativos ao fenômeno da variação do fonema /z/, faz-se necessário apresentar o quadro geral dos fonemas da língua Tenetehára, conforme proposto por Duarte (1997, 2003, 2007, 2018). Nesse sentido, o quadro 1 ilustra o sistema fonêmico consonantal e o quadro 2, o inventário dos fonemas vocálicos. Conclui-se que há um total

de 21 fonemas na língua, sendo 14 fonemas consonantais e sete fonemas vocálicos, conforme mostramos abaixo.

Quadro 1: fonemas consonantais

	Bilabial	Alveolar	Velar	Glotal
oclusivas	p	t	k, k ^w	ʔ
fricativas		s		
		z		
vibrante simples		r		
nasais	m	n	ŋ, ŋ ^w	
glides	w			h

Quadro 2: fonemas vocálicos

	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u
média	e	ə	o
baixa	a		

Dentre os fonemas dos quadros acima, chama nossa atenção em especial o fonema /z/, que possui até sete variantes, as quais são determinadas por fatores diatópicos, diagenéricos e diageracionais. Todavia, devido à limitação de tempo e espaço, reiteramos que neste estudo enfocaremos apenas a variação desse fonema na dimensão diatópica. Uma pesquisa sociolinguística futura deverá efetuar um exame mais detalhado dos fatores diagenéricos e diageracionais, os quais podem estar afetando a distribuição das sete variantes do fonema /z/.

Tendo por base os dados transcritos até o momento, podemos assumir que as sete realizações do fonema /z/ podem ser descritos da seguinte maneira: (i) a fricativa alveolar sonora [z], que ocorre entre todos os falantes Guajajára residentes nas aldeias do Maranhão e entre os falantes mais velhos do Tembê do Gurupí, os quais apresentam uma fala mais conservadora; (ii) a oclusiva alveolar sonora [d], que aparece na fala dos falantes Tenetehára-Tembê do Rio Gurupí, principalmente entre as gerações mais jovens; (iii) a africada sonora palatal [dʒ], que ocorre em variação livre em todas as regiões visitadas, mas com forte predominância entre os Guajajára que habitam as Terras Indígenas Bacurizinho e Canabrava;

(iv) a fricativa sonora palatal [ʒ], que tem uso bastante frequente na Terra Indígena Pindaré; (v) a fricativa alveolar surda [s], que aparece em início de sílaba e foi identificada fortemente nas aldeias da Terra Indígena Canabrava; (vi) a vibrante simples [r], que tem frequência bastante difundida entre os falantes das aldeias Lagoa Quieta e Juçaral, localizadas na Terra Indígena Arariboia; e, por fim, (vii) o glide aproximante [j], cuja ocorrência está restrita à posição de coda [CVj], diante de consoantes (surdas ou sonoras) ou em fronteira de palavra. Começamos com a análise da variação alofônica entre [z] e [d], a qual é regulada pelo parâmetro diatópico. Argumentamos que tanto o fone [z] como o fone [d] podem ocorrer em posição inicial de sílaba ou entre vogais, mas nunca diante de uma consoante ou em fronteira de sílaba. Faz-se importante informar que o acento recai sempre na última sílaba do vocábulo fonológico, conforme mostram os exemplos a seguir;

(1) Variantes [z] e [d]

[azuka] ~ [aduka]	‘eu mato’
[zahĩ] ~ [dahĩ]	‘lua’
[zapepo] ~ [dapepo]	‘panela’
[marakaza] ~ [marakada]	‘gato do mato’
[kuzə] ~ [kudə]	‘mulher’
[zukir] ~ [dukir]	‘sal’
[zuʔi] ~ [duʔi]	‘rã’
[zapukaj] ~ [dapukaj]	‘galinha’
[zawitʃi pek ^w er] ~	
[dawitʃi pek ^w er]	‘polícia’

É importante salientar que até o momento identificamos a ocorrência do fonema [d] entre os Tenetehára-Tembé do Rio Gurupi. A variação entre [z] e [d] não foi notada entre os falantes cujas aldeias estão localizadas nas Terras Indígenas Arariboia, Bacurizinho, Canabrava e Pindaré, ou seja, nessas localidades ocorre o fone [z]. Além disto, na região do Gurupi, podemos afirmar com certa segurança que a variante [d] é a que predomina entre os falantes, principalmente na fala dos mais jovens, já que os adultos de fala mais conservadora ainda proferem a fricativa alveolar vozeada [z], a qual varia com o fone [d] entre esses falantes.

Já o alofone [dʒ] pode ser descrito acusticamente como africado palatal sonoro. Registramos sua ocorrência em todas as terras indígenas em que estivemos. Sua realização é bastante favorecida quando figura antecedido

ou seguido de vogal anterior alta [i] ou posterior [u], conforme mostram os exemplos abaixo:

(2) Variantes [z] e [dʒ]

(2a) [z] ~ [dʒ]: diante de [i]

[zipiw] ~ [dʒipiw] ‘algo velho de madeira corroído ou
comido por capim’

[iziaʔiw] ~ [idʒiaʔiw] ‘local cheio de mato ou um objeto
qualquer com problema’

[iziʔitahi] ~ [idʒiʔitahi] ‘bem cedinho’

(2b) [z] ~ [dʒ]: diante de [u]

[azuka] ~ [adʒuka] ‘eu mato’

[zuru] ~ [dʒuru] ‘boca’

[mozuhu] ~ [modʒuhu] ‘serpente, cobra grande’

[akazu] ~ [akadʒu] ‘caju’

[zuʔi] ~ [dʒuʔi] ‘rã’

[uzuk] ~ [udʒuk] ‘velho’

[izupe] ~ [idʒupe] ‘para ele(a)’

Embora tenhamos registrado o fone [dʒ] em todas terras indígenas em que estivemos, observa-se que sua ocorrência é mais ampla entre os falantes da Terra Indígena Bacurizinho e Canabrava. Nas aldeias localizadas nessas Terras as variantes [z] e [dʒ] apresenta bastante variação. Todavia, observou-se que na batalha da variação linguística entre os dois fones, [dʒ] se sobressai, de modo que em muitas situações comunicativas o segmento fônico [dʒ] substitui o fone [z]. No entanto, [dʒ] não está restrito apenas aos contextos fonéticos descritos acima, podendo ocorrer também diante de todas vogais sem apresentar condicionamentos fonéticos importantes. Nos contextos fonológicos abaixo, o uso da variante africada palatal sonora foi observado nos dados coletados com os falantes das Terras Indígenas Arariboia, Bacurizinho e Canabrava, como demonstram os dados abaixo:

(2c) [z] ~ [dʒ]: diante de [a]

[zapo] ~ [dʒapo] ‘fazer’

[zazuwer] ~ [dʒazuwer]	‘maduro’
[zapew] ~ [dʒapew]	‘baixo’
[zapewaʔi] ~ [dʒapewaʔi]	‘baixinho’
[zapekwer] ~ [dʒapekwer]	‘casca’
[zapiakwar] ~ [dʒapiakwar]	‘ouvido’
[ezar] ~ [edzar]	‘deixar’
[izar] ~ [idzar]	‘dono’
[uzən] ~ [udʒən]	‘correr’

(2d) [z] ~ [dʒ]: diante de [e]

[azeruʔu] ~ [adʒeruʔu]	‘como vai?’
[zekaipo] ~ [dʒekaipo]	‘marca de tempo passado remoto/ evidencialidade não atestada’
[zemuʔe] ~ [dʒemuʔe]	‘aprender’
[pezepiaka] ~ [[pedʒepiaka]]	‘vocês escutam’

(2e) [z] ~ [dʒ]: diante de [o]

[zoʔok] ~ [dʒoʔok]	‘arrancar, colher’
[zomomɔ] ~ [dʒomomɔ]	‘colado’
[zomomor] ~ [dʒomomor]	‘pular, se jogar’
[apiʔazok] ~ [apiʔadʒok]	‘capar, castrar’
[zazo] ~ [dʒadʒo]	‘represar algo, obstruir algo’
[mazoʔa] ~ [madʒoʔa]	‘mamona’

(2f) [z] ~ [dʒ]: diante de [i]

[zɪrar] ~ [dʒɪrar]	‘açai’
[ukazim] ~ [ukadʒim]	‘falecer, desaparecer’
[itazir] ~ [itadʒir]	‘filha dele’
[itazi] ~ [itadʒi]	‘machado’

(2g) [z] ~ [dʒ]: diante de [ə]

[kuzə] ~ [kudʒə]	‘mulher’
[zəwəwən] ~ [dʒəwəwən]	‘se embrulhar em algo’
[zək ^w en] ~ [dʒək ^w en]	‘algo rápido’

[zəpin] ~ [dʒəpin]	‘raspar cabeça’
[uzəmi] ~ [udʒəmi]	‘espremer-se’
[zəyu] ~ [dʒəyu]	‘desmantelado’
[zəʔiʷ] ~ [dʒəʔiʷ]	‘pé de algo’

O alofone [r], caracterizado como vibrante vozeado simples, foi identificado nas aldeias da Terra Indígena Arariboia. Esse fone segue a mesma distribuição do fone [z], podendo figurar apenas em posição de início de sílaba, mas nunca em posição de coda *[CV[r]], conforme mostram os exemplos a seguir:

(3) Variantes [z] e [r]

[azuka] ~ [aruka]	‘eu mato’
[kuzə] ~ [kurə]	‘mulher’
[zu’i] ~ [ru’i]	‘rã’
[zapukaj] ~ [rapukaj]	‘galinha’
[zawiʔi pek ^w er] ~ [rawiʔi pek ^w er]	‘polícia’
[zanu] ~ [ranu]	‘aranha’

Dois outros alofones foram identificados, quais sejam: o fone fricativo alveolar surdo [s] e o fricativo palatal [j]. O primeiro ocorre em posição de início de sílaba e foi registrado apenas entre falantes da Terra Indígena Canabrava, residentes em aldeias que se situam à beira da rodovia que conecta Imperatriz à Barra do Corda e à Jenipapo dos Vieiras, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(4) Variantes [z] e [s]

[zukir] ~ [sukir]	‘sal’
[zuʔi] ~ [suʔi]	‘rã’
[zapukaj] ~ [sapukaj]	‘galinha’
[pi zorozorok] ~ [pi sorozorok]	‘pé rachado’
[zapepo] ~ [sapepo]	‘panela’
[zawiʔi pek ^w er] ~ [sawiʔi pek ^w er]	‘polícia’
[zanu] ~ [sanu]	‘aranha’
[zuwiri] ~ [suwiri]	‘sereno’
[zoromoapiw] ~ [soromoapiw]	‘melancia’

[zurar] ~ [surar]	‘outro nome para polícia’
[zuraw] ~ [suraw]	‘jiral’
[zapeʔok] ~ [sapeʔok]	‘descarregar’

Tomando por base as cartas linguísticas do projeto ALiPAI⁷, Guedes (2020) considera que a variação entre os sons [z] e [s] é uma tendência entre as línguas Guajajára (MA) e Tembé (PA), dadas as suas relações de parentesco. Para ele, os fatores extralinguísticos precisam ser estudados paralelamente aos fatores internos ao sistema linguístico numa perspectiva pluridimensional, para que, assim, haja uma compreensão mais acurada do processo de variação entre esses sons.

Além dos fones listados acima, o fone [ʒ] também foi encontrado em nossas pesquisas a campo. Foi identificado na palavra *marakaza* ‘gato do mato’ em dados orais colhidos com informantes da língua Tembé, da região do Gurupi. As demais ocorrências foram todas identificadas na Terra Indígena Pindaré, localidade em que esse alofone é bastante produtivo, pois ocorre no início, no meio e no final de palavra, sempre diante de vogal. Comparem-se os exemplos a seguir:

(5) Variantes [z] e [ʒ]

[zane] ~ [ʒane]	‘nós’
[marakaza] ~ [marakaʒa]	‘gato do mato’
[zapepo] ~ [ʒapepo]	‘panela’
[zahitata] ~ [ʒahitata]	‘estrela’
[zahĩ] ~ [ʒahĩ]	‘lua’
[zirar] ~ [ʒirar]	‘açai’
[aziwir] ~ [ʒziwir]	‘eu retorno’
[zipiw] ~ [ʒipiw]	‘algo velho de madeira corroído ou comido por capim’
[iziaʔiw] ~ [ʒiaʔiw]	‘local cheio de mato ou um objeto qualquer com problema’
[zuru] ~ [ʒuru]	‘boca’
[mozuhu] ~ [moʒuhu]	‘serpente, cobra grande’
[azeruʔu] ~ [ʒzeruʔu]	‘como vai?’
[zoʔok] ~ [ʒoʔok]	‘arrancar’

⁷ Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas.

Por fim, em distribuição complementar, temos o alofone [j], que só ocorre em adjacência a outra consoante ou em fronteira de palavra. Observamos nas aldeias visitadas que o fone [z] tem sido um concorrente de [j] na fala dos Tenetehára, especialmente entre aqueles que têm acesso à língua escrita, conforme mostram os exemplos abaixo:

(6) Variantes [z] e [j]

(6a) Em fronteira de palavra:

- [təpuj] ‘casa’
- [moj] ‘cobra’
- [waj] ‘lado’

(6b) Em adjacência a outra consoante

- [təpuj me] ‘na casa’
- [umuhəj rəm] ‘ele(a) vai espalhar’
- [təmuj pihun] ‘avô negro’

Note-se que o fone [z] emergirá nas palavras acima, caso elas recebam um sufixo que inicie com vogal. Conforme mostramos, tal fato se explica porque o alofone [z] deve figurar diante de vogal, enquanto o alofone [j] só aparece diante de fronteira de palavra ou diante de uma consoante. Em suma, o fonema /z/ muda para o glide /j/ em fronteira de palavra e diante de outra consoante, todavia, mantém-se /z/ quando este ocorre diante de outra vogal, como é possível constatar no quadro 3 a seguir:

Quadro 3: alofonia entre [z] e [j]

fronteira de palavra [___ #]	diante de outra consoante [___ C]	diante de uma vogal [_____ V]
<i>moj</i> # ‘cobra’	<i>moj kàŋ^wer</i> ‘resto de cobra’	<i>mozuhu</i> ‘cobra grande’
<i>təpuj</i> # ‘casa’	<i>təpuj k^wer</i> ‘resto de casa’	<i>təpujzuhu</i> ‘casa grande’
<i>təmuj</i> # ‘avô’	<i>təmuj pihun</i> ‘avô negro’	<i>təmuzuhu</i> ‘avô grande’

Tendo em conta a distribuição das variações alofônicas do fonema [z] descritas acima, podemos afirmar, por exemplo, que o substantivo *zanu* ‘aranha’ pode ser pronunciado por, pelo menos, seis maneiras distintas a

dependem das variações de natureza diatópica. Nesse sentido, é possível assumir que “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”, conforme enfatiza Tarallo (2001, p. 8). Mais precisamente, dependendo da terra indígena à que pertence o falante, podemos encontrar as seis pronúncias a seguir para o substantivo *zanu* ‘aranha’:

(7) /z/ e seus alofones

[dʒanu]: em todas as terras, mas com forte incidência na Terra Indígena Bacurizinho e Canabrava

[zanu]: fortemente na Terra Indígena Arariboia

[ranu]: fortemente na Terra Indígena Arariboia (Guajajara)

[danu]: fortemente na Terra Indígena Alto Rio Guamá (Tembé)

[ʒanu]: fortemente na Terra Indígena Pindaré (Guajajara)

[sanu]: fortemente na terra indígena Canabrava

Após apresentar os contextos de distribuição das sete variantes fonéticas do fonema /z/, interessa-nos, na próxima seção, discutir os impactos que essa distribuição causa no ensino da ortografia da língua Tenetehára.

4. A ortografia do fonema /z/

Com base na análise fonêmica da língua, Duarte (1997, 2003, 2007, 2008, 2018) adota uma ortografia cujo objetivo principal é facilitar o trabalho de alfabetização realizado pelos professores indígenas nas aldeias e o de elaboração de textos da literatura oral do povo Tenetehára. A ortografia atual utiliza os seguintes grafemas:

(i) consoantes: p, t, k, ', m, n, g, gw, k, kw, z, x, h, r, w

(ii) vogais: a, e, i, o, u, y, à

Tendo-se em conta a proposta de ortografia acima, vê-se que o grafema “z” corresponde ao fonema oclusivo alveolar /z/ e todas as suas variantes fonéticas. Tomando por base a análise das múltiplas realizações do fonema /z/, descritas na seção anterior, surge o problema sobre qual grafema seria o mais adequado para representar as variantes fonéticas do referido fonema na língua Tenetehára. Nesse caso, a indagação que se levanta é se é

mesmo adequado manter o grafema “z” para representar todas as variantes do fonema /z/ descritos na análise fonética proposta acima? Devido a esse fato, vem surgindo intenso debate entre os professores e lideranças Guajajára e Tembé sobre qual das variantes do fonema /z/ deve servir como referência para o estabelecimento da ortografia. Mais precisamente, a questão que se coloca para os professores indígenas é saber se devemos registrar esse fonema apenas por meio de um grafema apenas, no caso a letra “z”, como já vem sendo feito, ou se devemos ajustar o sistema ortográfico atual, de tal forma a inserir outros grafemas que sejam representativos das realizações fonéticas diatópicas, respeitando os desafios sociolinguísticos que a distribuição que esse fonema impõe ao ensino da língua materna em cada região específica. Por exemplo, deveríamos substituir o grafema “z” pela letra “d” na ortografia da variedade Tembé, já que esse grafema reflete a oclusiva alveolar [d], que predomina nas situações de comunicação oral entre os índios Tembé que habitam a região do Rio Gurupi?

Outra questão é: deveríamos introduzir o grafema “j” na escrita para captar as realizações do fonema /z/ em contextos nos quais se realiza por meio do glide [j], em contextos de fronteira de palavra e diante de outra consoante, como nas palavras *moz* [moj] ‘cobra’ e *moz kəŋ^wer* [moj kəŋ^wer] ‘resto de cobra’? O grande dilema nesses contextos é que, com a introdução do grafema “z” na escrita, os falantes alfabetizados, por influência da escrita e dos livros didáticos, estão alterando a pronúncia dessas palavras, de tal forma que o glide [j] vem sendo substituído pela fricativa palatal sonora [z] na língua oral, como mostram os dados a seguir:

(8) Alteração na pronúncia do alofone [i] ~ [z]

Pronúncia padrão		Pronúncia alterada por influência da ortografia
[moj]	→	[moz]
[moj kəŋ ^w er]	→	[moz kəŋ ^w er]

Uma resposta às questões levantadas acima depende de decisões políticas a serem tomadas por parte dos professores e linguistas guajajara, a partir dos conhecimentos técnicos que forem sendo apurados por eles. Vale ressaltar também a importância de estudos de base sociolinguística que devem ser oferecidos a esses profissionais, para que consigam trabalhar com

a variação linguística em sala de aula de maneira mais efetiva. É necessário ainda que sejam avaliados os benefícios que os falantes da língua terão com uma eventual alteração na estrutura ortográfica da língua. A questão que se coloca é se haverá mesmo benefícios com a introdução de novos grafemas para representar os alofones do fonema /z/ ou se seria melhor mantermos o grafema ‘z’ para representar graficamente todos os alofones desse fonema. Em síntese, esse é um tema da sociolinguística que precisa ser discutida e pensada unificadamente pelos professores guajajara em um momento futuro.

5. Considerações finais

Neste trabalho, descrevemos as sete variações do fonema /z/ nas terras indígenas Tenetehára visitadas no Maranhão e no Pará. Nota-se que as suas variantes fonéticas são reguladas por parâmetros sociolinguísticos de dimensões diatópicas, diageracionais, diagenéricas e diafásicas. No entanto, esta pesquisa focou apenas na dimensão diatópica, a qual regula suas ocorrências nas terras indígenas pesquisadas. Em suma, a análise delineada até aqui demonstrou que o fonema fricativo alveolar /z/ corresponde a um fonema camelão, haja vista que pode engatilhar até sete possibilidades de realizações sonoras, quais sejam: [z], [d], [dʒ], [r], [s], [ʒ] e [j].

Levando-se em consideração a variabilidade do referido fonema, buscamos, com este estudo, reforçar a necessidade de uma ortografia diferenciada que possa ser utilizada durante os trabalhos de alfabetização generalizada na língua Tenetehára. Entendemos que tal estudo pode contribuir para instrumentalizar os professores para o ensino de língua materna em sala de aula, de tal sorte que a aquisição da escrita por parte das crianças e jovens se dê de maneira mais rápida e mais efetiva.

Referências

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. 2012. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez.
- BORGES, Mônica. Veloso. 2004. Diferenças entre as falas feminina e masculina no Karajá e em outras línguas brasileiras: aspectos tipológicos. *Liames 4*. Campinas: IEL/UNICAMP. p. 103-114
- CARDOSO, Suzana. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial.

- CARVALHO, Maria Goretti Pereira; SILVA, Tabita Fernandes da. 2017. Nomes de parentesco da língua Tembê: problemas de Tradução. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 2, dezembro. p. 261-277
- COSTA, Anuacele da; SILVA, Fábila Pereira da. 2009. Dêixis de gênero em Yaathe, língua indígena brasileira (Macro-Jê). *Leitura*. Maceió, n. 43-44, jan-jun. p. 123-138
- DUARTE, Fábio Bonfim; Quesler Fagundes Camargos; Ricardo CamposCastro; Cíntia Maria Santana Silva; Marina da Silva Guajajara. 2018 *Coletânea de narrativas Guajajara*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais.
- DUARTE, Fábio Bonfim. 2008. *Coletâneas de narrativas Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- DUARTE, Fábio Bonfim. 2007. *Estudos de Morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG.
- DUARTE, Fábio Bonfim. 2005. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, v. 5. p. 113-145.
- DUARTE, Fábio Bonfim. 2003. *Ordem de constituintes e movimento em Tembê: minimalismo e anti-simetria*. 2003. 198 f. Tese (Doutorado) em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- DUARTE, Fábio Bonfim. 1997. *Análise gramatical das orações da língua Tembê*. 1997. 95 f. Dissertação (Mestrado) em Estudos Linguísticos – Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- GUEDES, Regis José da Cunha. 2020. Variável diaétnica: repensando a variação geolinguística pluridimensional contatual. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 12. p. 101-116
- HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. 1972. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell. *Directions in sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Copyright.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. 2008. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- LABOV, W. The anatomy of style-shifting. 2001. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 85-108

- LOPES, Ruan Carlos dos Santos. 2016. Políticas indigenistas na amazônia brasileira e a resistência étnica dos Tembé/Tenetehára de Santa Maria do Pará. *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, v. 10, n. 2, jul/dez. p. 162-193
- LUCCHESI, Dante. 2012. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 41 (2), maio-ago. p. 793-805
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- SEKI, Lucy. 2000. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*. Piracicaba, v. 12. n. 27. p. 233-256
- SILVA, Tabita Fernandes. 2010. *História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família tupi-guaraní do tronco tupí*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília. BRASÍLIA: UnB.
- TARALLO, Fernando. 2001. *A pesquisa sociolinguística*. 7a ed. São Paulo: Ática.
- TRAVAGLIA, L. C. 2002. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. 2006 [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.